



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Tema Gerador – “Projeto de Vida”

Texto - Ambiente virtual de aprendizagem do Ministério da Educação

“A vida é como um livro ainda não escrito”

Às vezes, até dizemos “minha vida daria um livro”.



Relatar a própria vida é **distanciar-se um pouco do vivido para buscar o sentido do viver.**



O **passado** de cada um só existe tendo em vista que se **narra o que viveu**. Sem a narrativa de si, o vivido se perde e o sentido daquilo que vivenciamos em tempos passados, está perdido também.



Narrar a própria vida é uma forma de atribuir novos sentidos àquilo que vivemos, abrindo a possibilidade de se modificar a si próprio tendo em vista que os novos sentidos produzidos podem dar pistas para enfrentar o dia a dia e viver experiências mais interessantes e formadoras de um novo jeito de ser.



Mas para que serve relatar a própria vida?





Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Apenas dar visibilidade aos eventos vividos em tempos passados? Talvez precisemos nos deter um pouco sobre essa questão.

Quando conversamos com amigos ou se estamos em uma festa de aniversário ou casamento em família, assistindo e participando de uma aula, vendo um filme junto com alguém, jogando bola na rua ou participando de uma reunião pedagógica na escola, estamos relatando vivências e ouvimos outras pessoas também fazendo o mesmo.



Nesses momentos, escutamos e somos escutados. Ouvimos as pessoas narrarem coisas vividas e, por vezes, riem-se das peripécias pelas quais passaram. E nós rimos também. Nós relatamos cenas vividas, às vezes, coisas alegres, às vezes, tristes, mas o fato de relatar parece que nos ajuda a colocar para fora alguns fantasmas, algumas dores e também nos permite compartilhar momentos de alegria.

O relato de vida, ao contrário do que algumas pessoas dizem, não nos permite reviver o passado, mas possibilita viver a experiência de representar e interpretar o que vivemos anteriormente, atribuindo-lhe um novo sentido.

“Relato de vida como hermenêutica”



A hermenêutica é uma forma de interpretar o mundo que rodeia o sujeito.

Nessa linha, todos nós, de uma maneira ou de outra, realizamos uma espécie de hermenêutica prática (DOMINICÉ, 2008, p. 22), tendo em vista



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

que nos deparamos com a necessidade de dizer, de classificar, de analisar, de enunciar, tudo o que está a nossa volta, inclusive o outro.

Nós interpretamos o tempo todo. Um sistema de interpretação nos oferece as bases para realizar a tarefa de interpretação, de ideias, de situações, de cenas que presenciamos, do outro, da escola, da educação, das crianças, enfim, de tudo o que está em torno de nós que nos constitui no que somos.

“Assim, interpretar é também nos conhecer. ”

“Os saberes e a vida”



Se interpretar é uma forma de nos conhecer também, podemos dizer que ao interpretar sabemos algumas coisas, sobre nós, sobre o outro e sobre o mundo que nos cerca.

Segundo Charlot (2000), o ser humano nasce incompleto e com a marca do desejo de aprender para se completar. Passará a vida aprendendo para ser o que pode ser. Suas experiências são formas do vivido, algo como formas de viver subjetivamente (VILLERS, 2019).

Desde que nascemos, abrigados no seio de um mundo que já está pronto ao nos receber, aqueles que nos acolhem, aqueles que podemos chamar de família, seja lá a forma de organização social que represente, o fazem de tal maneira que nos atribuem uma maneira de nos vermos e de vermos o outro e os outros. É assim que compreendemos a subjetividade, como uma forma de nos relacionarmos com o mundo ao nosso redor (CHARLOT, 2000).



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

A partir daí, podemos inferir que aprender é desenvolver uma tarefa humana da qual não podemos escapar e fazemos isso com a participação do outro.

A informação – oferecida pelo mundo que nos rodeia, nos permite produzir saberes a partir dos sentidos que nos chegam e nos abrem as possibilidades de interpretar quem somos, especialmente, quem somos neste mundo.

Obtemos informações e saberes, e ambos podem nos levar a conceber, produzir conhecimento. Ao produzirmos esses saberes podemos internalizá-los em forma de conhecimento (CHARLOT, 2000).

“Como aprendemos o que é família? ”



Compartilhando as experiências de vida com aqueles que, ao longo do tempo, vão sendo definidos para nós como familiares, ou, aqueles com quem nos relacionamos com frequência cotidiana e que vão nos conduzindo aos saberes sobre quem somos nós.

Sabemos o que é família porque vivemos a experiência da vida com aqueles que nos auxiliam a produzir sentido sobre o que é estar neste mundo, naquela condição social, convivendo com aquelas pessoas.

Quando iniciamos nossa vida escolar, isso para aqueles que têm acesso à escola, aprendemos que há outras formas de capturarmos o mundo ao nosso redor. Aprendemos que há diversas formas de se produzir saber.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Vamos chamar essas formas de figuras do aprender, na perspectiva de Charlot (2000).

A primeira figura do aprender é capturar o saber-objeto teórico. É aprender conceitos.

A escola não é a única a nos ensinar conceitos, mas é nela que podemos perceber que os conceitos estão sempre ligados a alguma teoria.

Assim, só aprendemos a definir o que é paz ou o que é guerra com a ajuda da escola, se não vivemos, em nenhum momento, a experiência da guerra.

Há coisas que só aprendemos na escola, pois a escola tem uma forma de tratar as coisas do mundo que nos cerca: uma forma conceitual.



Mas, também, aprendemos de outras maneiras. Quando realizamos uma atividade ou dominamos um instrumento qualquer estabelecemos uma maneira muito particular de vermos o mundo.

Ao aprender a pentear o cabelo ou a tomar uma sopa com a colher, estamos nos tornando humano dentre os humanos.





Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia



A segunda figura do aprender refere-se ao domínio de uma atividade ou de um instrumento qualquer.



Do andar de bicicleta ao digitar um teclado de celular ou a manusear o controle de um vídeo game, surgem saberes de que não dispúnhamos antes. Estes não estão na bicicleta, no celular ou no controle do vídeo game, mas na forma como os utilizamos e como apreendemos seus usos possíveis.

Por fim, quando nascemos vamos aprendendo, aos poucos, a nos relacionar com o outro, inclusive com aquele outro que somos nós mesmos. Entramos em contato com nosso corpo antes mesmo de percebermos que se trata de algo que nos define, de certo modo.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia



Assim, relacionar-se é uma forma de aprender muito singular. Ao tomarmos contato com o outro, notamos a distância entre o “Eu” e o “Outro”.

Por vezes, esse outro é o grande “Outro” (LACAN, 2008), aquele que tem algum domínio sobre nós mesmos.

A terceira figura do aprender refere-se ao saber relacional. Conversar, namorar, abraçar, brigar são formas de aprender.



Ao mesmo tempo em que nos aproximamos do outro, experimentamos uma dupla vertigem: sabemos quem somos nós e sabemos quem é o outro. Ambas mediadas pelo saber ser em relação ao outro.

“O projeto de si”



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia



O que a escola significa para a criança ou o jovem, especialmente para aqueles que frequentam a escola pública, particularmente, nas periferias de nossas cidades?

O que a escola significa para seus familiares?

São questões que nos interessam justamente por nos remeterem a dois questionamentos que se comunicam entre si.

O primeiro refere-se às maneiras como cada um se vê em relação ao espaço em que está ou frequenta, no caso, a escola.

Como o aluno e seus familiares pensam sobre si mesmos no interior da escola é uma questão de se sentir ou não pertencente àquele espaço.

O segundo indica como a escola vê aqueles que a frequentam, considerando todos os adultos e todas as crianças e jovens ali presentes. Da relação entre essas duas visões nasce o aluno.

Como assim? A criança não é o aluno? Não.



A criança nasce criança e não aluno. Quem a torna aluno é a escola. O que isso quer dizer para o aluno e para a escola, nós podemos constatar em diversas ideias que andam por aí:



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

- *Filho de peixe, peixinho é;*
- *Tal pai, tal filho;*
- *Ele vem de uma família desestruturada, mas é uma exceção.*

Estamos falando que a criança é vista sob a lente de que ela apenas reproduz o que seus pais são. Essa noção de criança é um tanto robotizada, mas, a escola adotou essa ideia, depois que surgiram os estudos sobre a teoria da reprodução.

Para Bourdieu e Passeron, no livro *A Reprodução*, publicado na França em 1970, a escola tende a reproduzir as estruturas da sociedade em seu interior. O que equivale a dizer que a escola e seus educadores correm o risco de ver um aluno de família bem pobre como um candidato ao fracasso escolar.

- *CHARLOT (2000) não acredita nesta teoria e considera que a profissão dos familiares e a trajetória do aluno dentro da escola não o determinam.*



“Quem determina o que o estudante vai ser e o que vai conseguir fazer – ou não – na escola, não são as suas origens sociais e econômicas, mas as experiências que vai viver dentro da escola e a forma como atribui sentido a essas experiências. ”



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia



Sugestão de Questões para Reflexão

1. Você concorda com a afirmativa abaixo? Comente



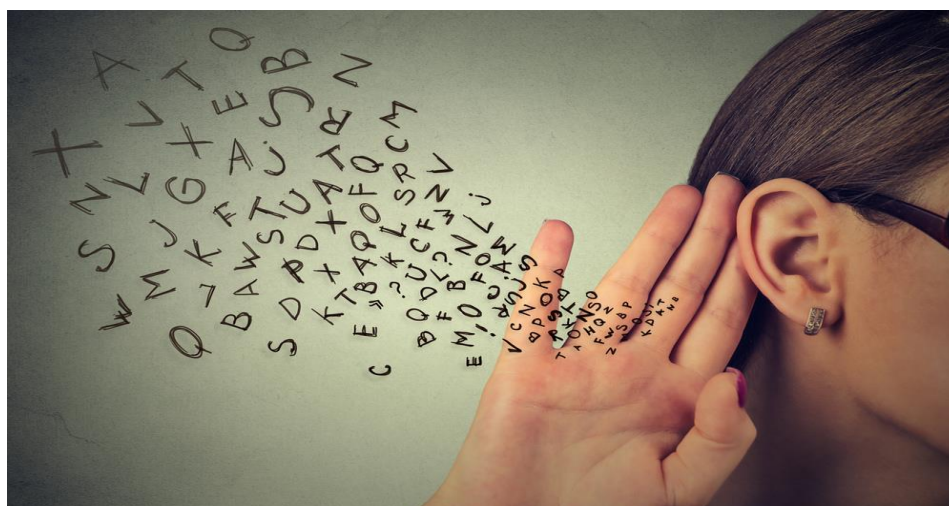
2. Observe a ilustração, reflita em qual é a sua fila? Comente:



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia



3. ***“Para manter boas relações no ambiente social, trabalho e vida familiar, é fundamental saber escutar. “ Você tem essa capacidade desenvolvida tanto quanto necessita? Comente***



4. ***“Somos seres inacabados. Estamos sempre em construção até o instante final. Podemos apreender de tudo e fazer-se e refazer-se a cada momento. Nenhuma pessoa que assume essa tarefa de ser sempre mais gente, dirá “já fiz tudo”, “sei tudo”, “não preciso mais aprender”.***



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

O fazer-se a cada instante envolve a humildade de ver sempre uma nova oportunidade de ser, fazer melhor, aprender com tudo no objetivo de ser o melhor que podemos. E o melhor que podemos ser é humano. ” Você concorda com a afirmativa acima? Comente.

5. Considerando as adversidades de sua sala de aula. Como você trabalharia com seus alunos este Tema? Comente.



6. Comente a charge abaixo:



7. “Quem determina o que o estudante vai ser e o que vai conseguir fazer, ou não, na escola, não são as suas origens sociais e econômicas, mas as experiências que vai viver dentro da escola e a forma como atribui sentido



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

a essas experiências. " De que modo a Escola pode fazer com que esta afirmativa se torne realidade? Comente.

